



AS CRIANÇAS NA COLINA

TRADUÇÃO DE SARA OROFINO



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

O Monstro

15 DE AGOSTO DE 2019

O CHEIRO DELA me lança através do tempo até o *antes*.
Antes de saber a verdade.

O aroma dessa menina é intoxicante. É um cheiro doce, com um toque meio forte e picante, como se você tivesse uma moeda na língua.

Posso sentir o cheiro da raspadinha de uva que ela tomou esta tarde, os cigarros que vem escondendo, o leve traço da vodca de ontem à noite (surrupitada da garrafa secreta do papai, que a guarda na casa de barcos — já vi ambos se esgueirando até lá para tomar uns goles).

Ela cheira a perigo e a intensidade.

E adoro o jeito como a menina caminha, saltitando, como se tivesse molas nas solas dos pés. Se ela saltar alto o suficiente, conseguirá percorrer todo o caminho até a lua.

A lua.

Não olhe para a lua, cheia e estufada, grande e brilhante.

Monstro errado. Não sou uma lobisomem.

Mas já tentei ser uma vez.

Pouco depois de assistirmos ao *O Lobisomem* juntas, eu e minha irmã encontramos um livro sobre lobisomens com um feitiço para se transformar em um deles.

— Acho que a gente devia tentar — dissera minha irmã.

— Nem pensar — falei.

— Você não tá curiosa pra saber como seria se transformar?

Nós fugimos para dentro da floresta à meia-noite, fizemos um feitiço sob a lua cheia, cortamos nossos polegares, bebemos a poção e queimamos uma vela. Minha irmã estava certa: imaginar que estávamos nos transformando em criaturas que iam além de nós mesmas era uma sensação extraordinária. Nós corríamos nuas por entre as árvores, uivando e comendo samambaias, pois fingíamos que eram ervas de lobo.

Pensamos que poderíamos nos tornar lobisomens autênticos, diferente daquela coisa com peruca, focinho de borracha e pelo de iaque colado no rosto, como Lon Chaney Jr. (nós lemos isso num livro também — “tadinho dos iaques”, dissemos, rindo e gargalhando ao imaginar como aqueles pelos deviam ter um cheiro terrível). Naquela noite, quando vimos que nada aconteceu, ficamos muito frustradas. Quando percebemos que nem pelos, nem presas haviam crescido e que não havíamos enlouquecido ao ver a lua. Ao voltarmos para casa, juramos nunca falar sobre o que tínhamos feito, enquanto vestíamos nossos pijamas e íamos para cama ainda como duas garotas humanas.

— Consegue adivinhar o que eu sou? — pergunto à garota agora.

Não era a minha intenção, mas as palavras simplesmente dispararam da minha boca como fagulhas estalando de uma fogueira.

— Er... não faço ideia — diz a menina, olhando para mim com uma cara esquisita. — Um fantasma? Uma espécie de “feijão” humano?*

E foi assim mesmo que ela disse: feijão. Como se todos nós fôssemos feijões cozidos dentro de uma panela, ou, quem sabe, jujubas reluzentes e coloridas de sabores diferentes.

Eu seria a de sabor alcaçuz. Aquelas de cor preta que são deixadas no fundo do pacote, cujo sabor ninguém suporta.

Troquei o peso do corpo de um pé para o outro e partes do meu disfarce retiniram e chacoalharam, enquanto o cabelo emaranhado da minha peruca caía sobre meus olhos.

Neste momento, eu realmente amo essa garota. Quem ela é. Tudo aquilo que jamais vou conseguir ser. Tudo aquilo que jamais vou conseguir ter.

Mas, principalmente, amo o fato de saber o que vem a seguir: estou prestes a transformá-la, assim como já transformei muitas outras antes dela.

Eu vou *salvar* essa garota.

#####

* Do original, “human bean”. A autora usa um trocadilho comum no inglês entre *human bean* e *human being* (ser humano). [N. da T.]

— Quando você vai realizar o meu desejo? — pergunta ela.

— Em breve — digo com um sorriso.

Eu concedo desejos.

Sou uma milagreira.

Posso dar a essa garota o que mais deseja, mas nem ela mesma sabe o que seria isso.

Mal posso esperar para mostrar a ela.

— Então, você topa fazer um joguinho? — pergunta a garota.

— Sim! — Praticamente grito.

Sim, ah, sim, sim! Essa é a minha pergunta favorita, a melhor parte! Eu conheço jogos e sou uma ótima jogadora.

— Verdade ou consequência? — pergunta ela.

— Se é o que você quer. Mas fica o alerta: vou saber se você estiver mentindo.

A garota dá de ombros, cutuca o lóbulo direito da orelha — que tem três furos — e me observa por debaixo das inúmeras camadas de maquiagem preta gótica. Uma boa menina tentando parecer má a todo custo.

— Hum... não. Vamos brincar de pique-pega. — Isso me surpreende. Ela parece muito velha para esse tipo de jogo. — Minha casa é o pique. Tá com você.

A garota dá um tapa no meu braço tão forte que chega a arder, então começa a correr.

Sem conseguir segurar, solto uma risada. É o nervosismo. É a emoção. Não existe a possibilidade dessa garota com pernas de palito e pulmões cheios de fumaça de cigarro correr mais do que eu.

Sou forte, rápida e treinei a minha vida inteira para momentos como este.

Estou correndo, correndo, correndo. Perseguindo essa linda moça de capuz preto, cujos cabelos loiros com pontas roxas brilhantes esvoaçam atrás dela parecendo a bandeira de um país do qual ninguém nunca ouviu falar. Ela está correndo, gritando, achando que vai conseguir voltar para o pique e para as luzes radiantes da sua pequena cabana que estão começando a aparecer por entre as árvores (as luzes só estão fortes por causa do zumbido baixo do gerador do lado de fora, não há redes de energia por essas bandas). Achando que vai conseguir voltar para casa, para os pais (que ela odeia), para a cama

quentinha com lençóis de flanela e para o seu velho cachorro, Dusty, que rosna sempre que sente o meu cheiro — ele sabe o que sou.

Tem algas entrelaçadas no meu cabelo. Estou usando um vestido cheio de ossos, gravetos, pedúnculos de taboas, uma velha linha de pescar e flutuadores. Sou o meu próprio sino do vento, chacoalhando enquanto corro. Meu cheiro parece o do lago: podre, estragado, de algo úmido que foi abandonado.

Posso facilmente alcançar a garota, mas deixo-a tomar a dianteira. Deixo que se apegue à fantasia de que vai conseguir voltar para sua antiga vida. Observo sua silhueta saltar por entre as árvores, voando, flutuando.

E de repente sou criança outra vez, correndo atrás da minha irmã, fingindo que sou o monstro de algum filme qualquer (sou o lobisomem, sou o Drácula, sou o fantasma da porra da ópera), mas nunca fui rápida o bastante para pegá-la.

Essa garota eu vou pegar.

E agora sou um monstro de verdade. Não sou mais de “faz de conta”.

Vou pegar essa garota, porque nunca consegui pegar a minha irmã.

E aí está: quarenta anos depois, e ainda é a minha irmã quem eu sempre estou perseguindo.

Amostra

Vi

08 DE MAIO DE 1978

O PRÉDIO ERA *assombrado*, pensou Vi, enquanto corria pela enorme área de gramado verde até o Asilo. Como não seria? Se semicerrasse os olhos da maneira certa, o prédio poderia ser uma velha mansão ou um castelo, algo saído de um filme em preto e branco, onde Drácula talvez vivesse. Mas o Asilo fora construído com tijolos amarelos grosseiros, e não pedras escarpadas. Não havia torres, nem muralhas, nem ponte levadiça. Também não havia morcegos que saíam voando do campanário. Só havia o imenso prédio retangular, com o velho telhado de ardósia e as janelas de vidro grosso e venezianas pretas, que ninguém nunca fechava.

Vi andou pela sombra que o Asilo fazia e sentiu o prédio envolvê-la em seus braços, dando-lhe as boas-vindas enquanto ela pulava nos degraus de granito. Acima da porta da frente, havia uma placa de madeira entalhada na qual se lia FÉ, feita por um paciente muito tempo atrás. Vi sussurrou a palavra secreta para entrar no castelo do monstro, que era ÉF — fé de trás para frente.

A menina segurou o prato firmemente. Não era daqueles de papel fino, mas sim um daqueles que se guarda no armário da cozinha, com uma estampa lustrosa de girassóis que combinava com as cortinas e a toalha de mesa. Vi tinha preparado o almoço da Vovó — um sanduíche de linguiça de fígado num pão de centeio. Ela achava a linguiça de fígado nojenta, mas era a carne favorita da avó. Também colocara uma camada extra de mostarda, porque, como dissera para si mesma, não era apenas um molho, mas uma poção especial para afastar monstros. Serviria para manter Vovó a salvo e afastaria vampiros e lobisomens. Vi centralizara o sanduíche no prato, colocara um pickles

e umas batatas fritas ao lado e cobrira tudo com papel-filme para mantê-lo fresco. Sabia que Vovó ficaria contente e murmuraria coisas como o quanto a menina era atenciosa.

Segurando o sanduíche numa das mãos, Vi empurrou a porta com a outra e entrou na recepção, que eles chamavam de Saguão, onde havia um piso ladrilhado, tapetes decorativos, uma lareira e dois sofás confortáveis. O primeiro andar era a parte central do Asilo. Corredores se projetavam do Saguão para a direita, para a esquerda e para uma escadaria logo em frente à porta. No corredor da direita, ficavam os escritórios dos funcionários e a Sala do Carvalho no fim, onde faziam reuniões. Na ala da esquerda, ficavam a Sala do Amanhecer, onde aconteciam várias atividades e a televisão estava sempre ligada; a Sala do Silêncio, cheia de livros e apetrechos de arte; e a Sala de Jantar e a cozinha no fim do corredor. Os pacientes se revezavam em turnos para trabalhar ali: amassando batatas, esfregando panelas e frigideiras e ajudando a servir os outros moradores do Asilo na hora da refeição.

O segundo andar era chamado por Vovó e pela equipe de “as suítes”, que eram os quartos dos pacientes. Dividido em dois setores — Leste 2 e Oeste 2 —, havia um total de vinte quartos de solteiro naquele andar, dez em cada setor, além de um posto de enfermagem no meio, para enfermeiros e toda a equipe.

A porta que ia para o porão ficava à esquerda da escadaria principal, que levava ao segundo andar. Vi nunca tinha ido até lá. Era onde ficava a caldeira e a sala das máquinas. Vovó dissera que não servia para muita coisa além de depósito.

Na parede à esquerda de Vi, havia uma fotografia recente de toda a equipe, de pé, em frente ao velho prédio amarelo. Vovó estava bem no meio, usando um terninho azul. Uma mulher baixinha que era o centro de tudo: o sol na galáxia do Asilo Hillside.

Uma janela que ficava entre o Saguão e o escritório principal se abriu.

— Boa tarde, Srta. Evelyn — disse Vi, radiante e alegre, com uma voz cadenciada.

Não era permitido crianças no Asilo. Ela e o irmão, Eric, eram as únicas raras exceções, isso se conseguissem passar pela Srta. Ev.

Evelyn Booker tinha quase 1,80 de altura e o porte físico de um jogador de futebol americano. Ela usava uma peruca ruiva ondulada, que às vezes ficava um pouco torta. Vi e Eric a apelidaram de *Miss Evil*, a Senhorita Cruel.

A menina olhou para a mulher e se perguntou que tipo de monstro ela seria e se a poção de mostarda funcionaria nela também.

A Srta. Ev franziu a testa para Vi através da janela aberta, as sobrancelhas grossas e desenhadas a lápis quase se encontrando no meio da testa.

Metamorfo, pensou Vi. *Definitivamente um metamorfo*.

— A Dr. Hildreth está resolvendo uma emergência — disse a mulher, enquanto uma nuvem de fumaça de cigarro escapava pela janela.

— Eu sei — disse Vi. Era sábado, um dos dias de folga de Vovó, mas o Dr. Hutchins havia ligado e ela passara vários minutos ao telefone, parecendo tentar acalmá-lo. Por fim, a avó dissera que estava a caminho e resolveria ela mesma o problema. — Mas minha avó saiu com tanta pressa que não deu tempo de tomar café ou preparar o almoço. Então, pensei em trazer um sanduíche.

Vi sorriu para a Srta. Ev. Vovó estava sempre tão ocupada que se esquecia de comer, mas a neta se preocupava com ela. A avó sempre colocava o Asilo em primeiro lugar, achando que poderia sobreviver um dia inteiro apenas com café velho e cigarros.

— Pode deixar aqui que eu dou um jeito de entregarem.

A Srta. Ev olhou com suspeita para o prato do sanduíche. Vi tentou não ficar muito decepcionada por não poder entregar o prato nas mãos de Vovó como tinha planejado. Ela sorriu e passou o embrulho pela janela.

Tom, com seus cabelos longos e selvagens, vinha passeando pelo Saguão e chamou Vi:

— Violetas são azuis, como você está?

Ele era um dos pacientes que Vovó enquadrava na política da porta-giratória. Tom vivia saindo e entrando do Asilo desde que Vi se entendia por gente.

— Eu estou bem, Tom — disse ela, animada. — E você?

— Ah, eu tô cheio de coceira — disse ele esfregando os braços. — Muita, muita coceira.

Ele tirou a blusa, arquejando um pouco conforme coçava a própria pele, que estava coberta por uma camada de pelos pretos e grossos.

Lobisomem, pensou Vi. *Sem dúvida*.

Tom jogou a blusa no chão e começou a desabotoar a calça.

— Opa, vamos com calma! — disse Sal, um dos assistentes, cujo pescoço tinha a mesma espessura que a cintura de Vi. — Nada de tirar a roupa. Ninguém aqui quer que a Srta. Ev fique toda excitada.

A Senhorita Cruel franziu a testa e fechou a janela de vidro com um estrondo.

Vi sorriu, se despediu e se encaminhou para a saída do Asilo, enquanto Tom continuava a gritar o quanto estava coçando. Ela ouviu Sal dizer que o homem só poderia pegar um biscoito na cozinha se não tirasse a roupa.

Lobisomem ou não, Vi gostava de Tom. Vovó havia levado ele para casa algumas vezes e os dois haviam jogado damas.

Quando a avó levava alguns pacientes para casa, Vi e Eric os chamavam de “os desgarrados da Vovó”. Eram pessoas que ainda não estavam prontas para voltar à vida real. Pessoas que o resto da equipe do Asilo considerava causas perdidas.

Uma vez, Vovó trouxe para casa um homem cheio de cicatrizes ao redor da cabeça, que não guardava memórias de curto prazo. Você tinha que se apresentar continuamente e lembrá-lo que ele já tinha tomado café da manhã.

— Quem é você? — perguntava ele, assustado, toda vez que encontrava Vi.

— Ainda sou apenas a Violet — dizia ela.

Mary D., uma mulher de cabelos ruivos encaracolados, disse às crianças que já havia reencarnado uma centena de vezes, guardando memórias nítidas de cada vida e de cada morte. *(Eu era Joana d’Arc. Conseguem imaginar a dor de ser queimada viva, crianças?)*

E houve também a mulher silenciosa e desgrenhada de olhos fundos, que chorava de soluçar toda vez que as crianças falavam com ela. Eric e Vi a chamavam simplesmente de A Chorona.

Às vezes os visitantes voltavam para a casa da Vovó só para fazer uma refeição, ou para ficar uma ou duas noites. Às vezes ficavam por semanas, dormindo no quarto de hóspedes, vagando pela casa em camisolas hospitalares como fantasmas, passando horas conversando com Vovó no porão, onde ela testava suas memórias, suas capacidades cognitivas, e tentava curá-los. A avó lhes servia chá, jogava cartas com eles, deixava-os sentados na poltrona da sala de estar e pedia a Vi e a Eric que trouxessem pratos de biscoitos e que fossem educados com os pacientes.

Como você está? Muito prazer.

— Um hospital, ou mesmo um lugar agradável como o Asilo, não é um ambiente muito encorajador. Para se recuperar, às vezes o paciente precisa sentir como se estivesse em casa — explicou Vovó. — Eles precisam ser tratados como se fossem parte da família para melhorar.

Esta era a Vovó: ela fazia tudo que estava ao seu alcance para ajudar os pacientes a se recuperar, para ajudá-los a se sentir protegidos.

Vi e o irmão eram fascinados pelos desgarrados. Eric tirava fotografias de cada um deles com sua polaroide, mas fazia isso escondido, quando Vovó não estava por perto. Os irmãos guardavam as fotos em uma caixa de sapato secreta, guardada atrás do guarda-roupa de Eric. Separadas por cliques, cada foto tinha uma ficha pautada junto a si, na qual Vi fazia anotações — nomes ou apelidos, ou qualquer detalhe que eles descobrissem. Vi e Eric chamavam a caixa de sapato de “Arquivos”. As fichas tinham anotações do tipo:

Mary D. tem cabelos de um tom de laranja, o que lhe cai bem, já que sua comida favorita é torrada com marmelada. Diz ela que comia isso o tempo todo quando era Ana Bolena, casada com o rei Henrique VIII. Antes de ter sido decapitada.

Também havia um caderninho na caixa de sapato, cheio de informações que haviam juntado sobre os outros pacientes de Vovó, aqueles que nunca viram e apenas ouviam falar. Eram coisas que Vi e Eric entreouviam Vovó discutir pelo telefone com o Dr. Hutchins, o outro psiquiatra do Asilo, ou quando ele aparecia para provar alguma das novas misturas de gim de Vovó. Quando ela e o Dr. Hutchins falavam sobre os pacientes, usavam sempre as primeiras letras de seus nomes para se referir a cada um. Vi gostava de folhear o caderninho vez ou outra, para tentar descobrir se algum dos desgarrados da Vovó eram pessoas de quem já ouvira falar antes.

~~~~~

NA SEMANA ANTERIOR, Vi bisbilhotava Vovó e o Dr. Hutchins enquanto ambos estavam sentados no pequeno pátio de pedra do quintal, bebendo gim-tônicas. A menina estava agachada, espionando-os de um dos lados da casa.

— Mistura 179 — disse Vovó. — Acho que o zimbros está um pouquinho forte. O que você acha?

— Acho que está delicioso — disse o Dr. Hutchins. Ele dizia isso toda vez que provava uma nova mistura do gim caseiro da avó.

Vi suspeitava de que o pobre homem talvez nem gostasse de gim. Ela o pegou, mais de uma vez, despejando secretamente o conteúdo de seu copo nos canteiros de flores quando Vovó não estava olhando.

Dr. Hutchins parecia mais agitado do que os pacientes. Tinha um pescoço longo e fino, uma cabeça pequena, com um cabelo ralo que se espalhava em tufos engraçados. Vi achava que ele parecia um avestruz.

O doutor e a avó falaram do tempo e das flores até que finalmente começaram a conversar sobre os pacientes. Vi pegou seu caderninho.

— D.M. teve uma semana difícil — disse o Dr. Hutchins. — Atacou o Sonny hoje, durante a terapia de grupo. Foram necessários três homens para contê-la.

Sonny era um dos assistentes sociais. Ele era responsável pela terapia por meio da arte e ajudava no estúdio de argila. Era um cara legal, com um bigode gigante e costeletas espessas. Às vezes ele deixava que Vi e Eric criassem coisas no estúdio de cerâmica: pequenos vasos, canecas e cinzeiros.

Vovó chacoalhava o gelo em seu copo. Ela se serviu de mais uma gim-tônica do jarro que estava sobre a mesa entre eles.

— E ainda teve o episódio entre ela e H.G. na quarta-feira — continuou o Dr. Hutchins.

— Provocaram ela — respondeu Vovó, acendendo um cigarro com seu velho Zippo, um isqueiro de ouro com o desenho de uma borboleta.

O outro lado do isqueiro tinha suas iniciais gravadas em letra cursiva: *HEH*. Vi escutou o arranhar da pederneira e sentiu o aroma do fluido do isqueiro. Vovó dizia que fumar era um péssimo hábito, um que Vi nunca deveria sequer começar, mas a menina adorava o cheiro da fumaça dos cigarros e do fluido do isqueiro. E, mais do que tudo, amava o velho isqueiro de borboleta da avó, que precisava ser enchido com fluido e ter a pederneira trocada periodicamente.

— Ela é perigosa — disse o Dr. Hutchins. — Sei que você acha que estamos progredindo, mas a equipe está começando a se perguntar se o Asilo é o melhor lugar para ela.

— O Asilo é o *único* lugar para alguém como ela — disse Vovó com rispidez. A avó deu um trago no cigarro e observou a fumaça subir, conforme a exalava. — Vamos ter que aumentar sua dose de Clorpromazina.

— Mas se ela continuar representando um perigo para os outros...

— E não é esse o nosso trabalho, Thad? Ajudar àqueles que mais ninguém conseguiu ajudar?

*Sim*, pensou Vi. *Sim!* Vovó era uma milagreira. Um gênio. Era famosa por curar pacientes que outros médicos não conseguiram.

Dr. Hutchins acendeu o próprio cigarro. Eles ficaram em silêncio por um instante.

— E a paciente S? — perguntou o doutor. — Ainda está progredindo?

Vi terminou suas anotações sobre D.M. e virou em uma nova folha para anotar sobre a paciente S.

— Ah, sim! Ela está indo muito bem mesmo — disse Vovó.

— E a medicação?

— Tenho diminuído um pouco a dosagem.

— Alguma alucinação?

— Acredito que não. Pelo menos nenhuma que ela tenha admitido, ou que se deu conta de ter.

— É maravilhoso, não é? Toda essa melhora? Você deveria ficar bem orgulhosa de si mesma, pois proporcionou exatamente o que ela precisava. Você a salvou — disse o Dr. Hutchins.

Vovó riu.

— Salvei? Talvez. Mas estou começando a achar que ela nunca levará uma vida normal. Não depois de tudo o que passou. Ela vai ter que ficar em observação. E se as autoridades ou os jornais algum dia...

— Você acha que ela se lembra do que fez? De onde veio? — interrompeu ele.

Os pelos no braço de Vi se arrepiaram exatamente como acontecia durante uma tempestade.

— Não. E, francamente, acho que é melhor assim, não acha? — disse Vovó.

Ambos bebericaram suas bebidas, o gelo nos copos chacoalhando. A fumaça dos cigarros flutuava na direção das nuvens.

Vi escutava tudo com atenção e escreveu: *O QUE A PACIENTE S FEZ? Matou alguém???*

Ela sabia que o Asilo tinha pacientes violentos, pessoas que haviam feito coisas terríveis, não porque eram ruins, mas porque estavam doentes. Era isso que Vovó dizia.

Mas será que havia uma assassina de verdade lá? Alguém que Vovó estava mantendo em segurança, protegendo?

A menina rabiscou no caderninho “*QUEM É A PACIENTE S???*”, tudo em letra maiúscula.

~~~~~

AGORA, ENQUANTO VOLTAVA pelo gramado e se dirigia à sua enorme casa branca, que ficava exatamente do outro lado da estrada para o Asilo, Vi pensava na paciente S.

— Quem é essa paciente? — perguntou em voz alta. Então esperou pela resposta, escutando atentamente.

Às vezes, se fizesse a pergunta certa no momento certo, Deus respondia.

Quando Deus falou com Vi, foi como em um sonho. Uma voz sussurrada, que ela lembrava vagamente.

Quando Deus falava, parecia um pouco com Neil Diamond nos discos de Vovó.

Eu sou, disse eu.

Vi o imaginava lá em cima, observando-a, vestido em seu traje de sarja apertado e cheio de contas, igualzinho ao que Neil Diamond usara em seu álbum duplo, ao vivo, o *Hot August Night*, que Vovó adorava escutar. O cabelo de Deus era selvagem como a juba de um leão e os pelos de seu peito irrompiam pelo decote em V de sua jaqueta.

Havia outros deuses também. Outras vozes.

Deuses das pequenas coisas.

Dos ratos e das torradeiras.

O deus dos girinos. Do café coado, que sussurrava uma saudação especial para ela todas as manhãs, numa voz alegre e borbulhante: *Bom dia, brilho das estrelas. Sirva-se de uma xícara de mim. Prove um gole. Vovó diz que você já é grande o bastante. Beba-me e eu vou lhe contar mais coisas.*

Mas hoje, até agora, os deuses estavam silenciosos. Vi ouvia os passarinhos e o zumbido baixo das abelhas coletando o néctar das flores que já haviam desabrochado.

Era um dia claro e ensolarado de primavera e Vi se acomodou no balanço da varanda, lendo um dos livros de Vovó: *Frankenstein*. Cada vez que visitava a biblioteca gigante da avó ou ia até a cidade, na pequena Biblioteca Pública de Fayeville, feita de tijolos, Vi deixava o deus dos livros ajudá-la a escolher

sua próxima leitura. Ela percorria as lombadas dos livros com o dedo, até que ele dissesse *Este aqui*, numa voz fina e farfalhante. A menina tinha que ler o livro inteiro, mesmo que não tivesse muito interesse na história, porque Vi aprendera que, mesmo nos livros mais estúpidos, havia sempre uma mensagem secreta que fora escrita apenas para ela. O truque era descobrir como encontrá-la. Mas parecia que *Frankenstein* fora escrito especialmente para Vi, do início ao fim. A história a fazia se sentir elétrica e agitada.

Ela lia algumas passagens diversas vezes e até as sublinhava com um lápis para poder copiá-las depois, quando estivesse sentada escrevendo seu relatório para Vovó, como fazia com todos os livros que já havia lido: *Ninguém é capaz de conceber a variedade de sentimentos que me enfastia, como um furacão, antes do primeiro entusiasmo do sucesso. A vida e a morte parecem, para mim, fronteiras perfeitas, as quais devo atravessar primeiro, e derramar uma torrente de luz em nosso mundo obscuro.*

Vi se balançava e lia, ouvindo o balanço da varanda fazer *crack!, crack!, crack!*, até que o barulho se transformou em uma música — torrente de luz, torrente de luz, torrente de luz — e ela fechou os olhos para ouvir com mais atenção.

Foi aí que ouviu o próprio nome ser chamado. Primeiro estava muito distante, depois foi chegando mais perto. Mais alto. Mais frenético: *Vi, Vi, VI!*

Ela abriu os olhos e viu seu irmão. Ele estava sem camisa e atravessava a entrada do terreno correndo. Sua camisa vermelha estava enrolada em suas mãos, cobrindo algo que ele embalava cuidadosamente enquanto seguia na direção da irmã. Eric chorava, o rosto manchado de terra e de lágrimas. Assim que Vi o avistou sem camisa, pensou que seu irmãozinho parecia uma daquelas imagens terríveis de crianças passando fome que você encontra na *National Geographic*: a cabeça dele era grande demais para seu corpo pálido e magro como um palito, e suas costelas pressionavam a pele do menino de maneira que você conseguia contar cada uma delas, como se fossem as barras de um xilofone.

As meias de cano longo de Eric, com listras amarelas no topo, estavam puxadas quase até seus joelhos redondos. Os tênis Keds azuis estavam gastos nos dedos, e sua bermuda esfarrapada já fora uma calça jeans da coleção da Toughskins do ano anterior. A confusão de cabelos encaracolados castanhos de Eric parecia um estranho ninho de passarinhos em sua cabeça. Depois

de um longo inverno em Vermont, ele estava tão pálido quanto o interior de uma batata.

— O que houve? — perguntou Vi, se levantando e deixando o livro no balanço.

— É um filhote de coelho. — Eric ofegava, segurando a trouxa imunda contra o peito. Ele a desenrolou só um pouco, o suficiente para que ela conseguisse ver o pelo marrom da pequena criatura. — Está machucado. Eu acho... eu acho que talvez esteja morto — disse Eric, sua voz falhando.

O irmão estava sempre resgatando animais: gatos errantes, uma marmota que foi salva das mandíbulas de um cachorro e inúmeros camundongos e ratos que faziam parte dos experimentos de Vovó no porão — roedores que ficavam velhos demais para percorrer os labirintos, ou para ser expostos a medicações e pequenos choques elétricos. Eric ficava triste pelos animais no porão e até chegou a libertar um: o Grande Rato Branco. Vovó achava que o rato conseguira escapar sozinho, mas agora ele vivia nas paredes da casa e aparecia de tempos em tempos, sem jamais ser capturado de novo.

O quarto de Eric tinha se transformado em um zoológico excêntrico, cheio de aquários e de gaiolas de metal. Ele tinha toda uma cidade de canos de plástico conectando gaiolas de hamsters cheias de camundongos, que ficavam correndo nas rodas e construindo ninhos de papelão e de jornal. O quarto sempre cheirava a raspas de cedro, alfafa e xixi. Vovó não só acolhia o quarto-zoológico de Eric, mas também parecia satisfeita com isso, orgulhosa até.

— Você sabe como tratar os animais — dizia ela, sorrindo para ele. — Você tem uma gentileza e uma bondade que eles conseguem sentir.

Eric sabia tudo sobre animais: seus nomes em latim e como eram classificados em famílias, gêneros e espécies. Charles Darwin era seu herói, e o irmão dizia que gostaria de crescer e viajar o mundo estudando animais, exatamente como Darwin fizera.

Vi pulou os degraus da varanda.

— Deixa eu dar uma olhada — disse ela.

— A Vovó está em casa? — perguntou Eric, esperançoso.

Apesar de seus pacientes serem humanos (ela não era nem uma médica comum, era uma psiquiatra), Vovó fazia milagres com animais feridos. Conseguia consertar ossos quebrados, dar pontos e até realizar pequenas cirurgias. Também sabia quando um animal já não podia mais ser salvo, rapidamente

os tirando de seu sofrimento com uma pequena injeção ou um pano embebido em clorofórmio.

— Não, ela teve que ir até o Asilo.

Vi levantou algumas dobras da camisa vermelha e colocou a mão no coelho. O bichinho se contraiu ao sentir o toque. Ela não conseguia identificar de onde estava vindo o sangue na camisa, mas parecia ser demais para algo tão pequeno. Olhou do coelho para o rosto preocupado de Eric.

— O velho Mac matou a mãe do filhote. Atirou nela com o revólver. Ele tentou atirar no coelhinho também, mas o bicho fugiu para os arbustos e eu o peguei. — O menino mordeu os lábios, e havia mais lágrimas escorrendo por suas bochechas. — Mac provavelmente está vindo para cá terminar o serviço.

Eric girou o corpo e olhou para a entrada do terreno, para o outro lado da estrada e para o denso gramado da frente e os jardins que rodeavam o Asilo Hillside. É claro que Mac estava mesmo indo na direção deles: o homem, que parecia mais um espantalho meio curvado, usava um chapéu de abas largas e uma calça marrom, e vinha carregando uma espingarda. Vi não conseguia entender por que Vovó deixava o zelador de uma clínica de doidos andar por aí com uma arma carregada, mas, como a avó gostava de frisar, o Asilo era uma espécie única de hospital.

Vovó sempre dizia: “*O que fazemos aqui é revolucionário.*” Agora, enquanto a menina observava o velho Mac — que também já fora um paciente — aproximar-se silenciosamente deles, pensou: *revolucionário?* Ela sentia seu coração martelando contra o peito, sua boca seca.

— Leve o filhote para a cozinha. Vai! — ordenou Vi ao irmão.

— Mas e o Mac? — perguntou ele, engolindo em seco, os olhos arregalados.

— Eu dou um jeito nele, não se preocupe.

Eric embrulhou o coelhinho de novo, subiu os degraus da varanda correndo, escancarou a porta da frente e se apressou a entrar em casa.

Vi ficou de pé, esperando com as mãos nos quadris e vendo o velho Mac se aproximar. O homem ajeitava a arma nas mãos, sua mandíbula se movendo como se mastigasse algo duro.

— Posso ajudá-lo, Sr. MacDermot? — perguntou ela quando o velho estava próximo o suficiente para ouvir.

— Esses coelhos estão destruindo toda a horta de verduras. Acabaram com todo o espinafre e a alface.

Ele falava devagar, com uma pronúncia entorpecida, como se as palavras fossem densas e pesassem em sua língua. *Remédios*, pensou Vi. A maioria dos pacientes do Asilo vivia sob medicação, o que os fazia se mover e andar de maneira cômica, ou ter problemas para falar.

Mac era alto, tinha um rosto pálido e olhos azuis gélidos. Ele lambia os lábios o tempo todo, então sua boca estava sempre rachada e em carne viva.

— Di-i-ga ao seu irmão para trazer aquele animal aqui. O bicho não pode ficar dentro de casa.

Ele deu um passo à frente, mas Vi não se mexeu, permanecendo de pé no meio da passarela de pedras que ia até a casa e obstruindo o caminho.

A menina tinha 13 anos e até era alta para a idade, mas mesmo assim não batia nem no ombro daquele homem. Vovó sempre dizia para a neta manter a postura, ser confiante e imponente, e foi isso o que Vi decidiu fazer naquele momento.

— Sr. MacDermot, tenho certeza de que, se falar com minha avó, ela vai dizer que não há problemas em ter animais dentro de casa. Meu irmão traz um monte deles pra cá, e Vovó o incentiva.

— Ela sabe?

— Pode ir perguntar. Ou, se o senhor preferir, eu posso entrar, ligar para o Asilo, e pedir para Vovó vir pra casa. Ouvi dizer que ela está muito ocupada, então talvez fique um pouco aborrecida com tudo isso.

Mac franziu a testa, passou a língua viscosa por cima dos lábios secos e agarrou a espingarda.

— Sua avó vai ficar sabendo disso.

— Sim, senhor — disse Vi, abrindo um imenso sorriso.

Ela parecia a carinha boba e sorridente que havia na caneca *Tenha um Bom Dia* que Vovó usava de vez em quando, um presente que ganhara de um dos pacientes.

— Isso não está certo — disse ele, virando-se para ir embora. — Prender uma criatura selvagem.

O velho Mac se arrastava até a entrada do terreno, murmurando consigo mesmo e ninando a espingarda.

Vi entrou em casa, sentindo os pés descalços ficarem frios no chão de azulejos do hall de entrada. Por segurança, decidiu trancar a porta. Permitiu que seus olhos se ajustassem à escuridão, concentrando-se nas paredes de madeira, nas portas francesas à direita — que levavam à sala de estar e à

enorme lareira de ladrilhos — e na escada curva à esquerda. A casa cheirava à poeira, a livros velhos e a lustra-móveis de limão.

A menina ouviu alguém resmungando baixinho na cozinha. Eric gostava de conversar com os animais, imitando as respostas deles em diferentes vozes. Seu irmão era muito bom em inventá-las. Vi achava que, quando ele crescesse, iria trabalhar dublando desenhos animados ou algum personagem da Vila Sésamo, algo do tipo. A imitação de Eric do Pernalonga era perfeita: “*O que é que há, velhinho?*”

— Eric? — chamou Vi. — Você está na cozinha?

— Sim. — Ele fungou. Então ela o ouviu imitar uma voz estridente de coelho: — Estou com medo.

Vi se apressou pelo corredor.

A luz do sol se derramava através da janela sobre a pia. A panela de pressão elétrica assobiava em cima do balcão. O jantar de hoje seria *sloppy joes*, e a cozinha cheirava a tempero e a molho de tomate com carne moída. Vovó fizera *parfaits* de gelatina para a sobremesa, que agora estavam na geladeira.

Eric ainda estava ninando o coelho na camisa.

Vi tirou tudo de cima da mesa, inclusive a toalha de girassóis, estendendo um pano de prato limpo.

— Coloque ele aqui e vamos dar uma olhada.

— Salva ele, Vi. Por favor — disse Eric enquanto colocava o filhote na mesa.

Vi tocou o coelho com cuidado, mudando-o de posição para examiná-lo rapidamente. O tiro não parecia ter atingido nenhum órgão, só passara de raspão do lado esquerdo do quadril do animal. O coelhinho estava paralisado, mas sua respiração estava acelerada.

— Acho que ele está em choque — disse Vi.

— E isso é ruim?

A menina mordeu o lábio.

— Às vezes, quando estamos em choque, nosso coração para de bater.

— Não deixa isso acontecer! — protestou Eric.

— Já sei o que fazer — disse Vi, se afastando do irmão sem camisa.

Ela correu de volta pelo corredor até a varanda anexa que Vovó chamava de solário. Era ali que eles gostavam de jogar e desenhar, além de guardarem coisas que não couberam em nenhum outro lugar. Também era ali que Vovó fazia gim.

No canto do solário, em cima de uma mesa pesada, estava montado o destilador da avó: uma geringonça maluca de cobre, cheia de tubos de vidro, frascos e bicos de gás. Vovó estava numa busca incessante pela destilação da mistura perfeita de gim. Um dos bicos de gás estava ligado, e o destilador borbulhava devagar. Um cheiro forte e medicinal pairava no ar.

Vi saí de perto do destilador e foi até as prateleiras. Encontrou o que estava procurando: uma lanterna de acampar movida a bateria, que usavam quando faltava luz. Retirando-a da prateleira, a menina abriu a lanterna e tirou dali a bateria quadrada de seis volts. Depois, revirou uma cesta cheia de bugigangas na estante e encontrou alguns pedaços de fios de cobre.

— O que você está fazendo? — perguntou Eric quando ela entrou na cozinha com a bateria e os fios.

O coelho ainda estava completamente paralisado na mão dele, os olhos fechados.

— Temos que nos preparar pra fazer o coração dele voltar a bater. Vamos dar um choque nele.

Eric parecia confuso.

— Confie em mim. Um corpo tem seu próprio sistema elétrico, certo? Vovó já explicou isto milhares de vezes, como tudo é conectado: o cérebro, o sistema nervoso. É isso que faz nosso coração bater, lembra? Sabe aquelas pás que os médicos de *Emergency!* usam para ressuscitar as pessoas? Vai ser quase a mesma coisa.

Vi lambeu os lábios e, então, prendeu dois fios na bateria de seis volts da lanterna. Lembrou-se de todas as aulas de Vovó sobre circuitos e eletricidade, e de como certa vez tinha conseguido fazer uma lâmpada brilhar apenas com uma batata, pregos e fios de cobre.

Vovó dissera uma vez que o corpo humano tem eletricidade o suficiente correndo dentro de si para ligar uma lanterna.

E sim, Vi pensou em *Frankenstein*. Não no livro que estava lendo, mas no filme. Quando Boris Karloff ganha vida no laboratório do Dr. Frankenstein.

Era a cena favorita dela. A fúria da tempestade, o doutor içando a mesa com o monstro para fora do laboratório, até o céu, a fim de que os raios pudessem trazer a criatura à vida com um grande choque ao atingi-la. E a cena seguinte, quando ele vai descendo a mesa e vê a mão da criatura se contraindo: “*Está viva, está viva, está viva!*”

— Acho que não estou sentindo o coração dele bater — disse Eric.

Vi assentiu, colocando as mãos em cada lado do peito do animal com cuidado.

— Está morto?

— Talvez não para sempre — disse Vi. O coelhinho estava quente embaixo de suas mãos. Ela podia senti-lo respirar e se contrair um pouco. Mas queria que o irmão tivesse fé, que acreditasse que Vi tinha o poder de salvar o animal. — Nós podemos trazê-lo de volta.

— Tem certeza? Tem certeza que está morto? — perguntou Eric, balançando-se para frente e para trás, parecendo menor do que nunca.

— É claro que sim! Agora chega pra trás.

O menino mordeu os lábios e começou a chorar de novo. Vi olhou para ele, cheia de culpa. Como podia ser tão cruel assim? Que tipo de irmã ela era?

Vi se voltou para o coelho e colocou um fio de cobre ligado à bateria de cada lado do peito do animal.

— Acorde. Volte para nós — chamou.

Como se aproveitasse a deixa, o filhote levantou a cabeça e deu um pequeno pulo para frente.

— Está vivo! — exclamou a menina.

Eric gritou, encantado, jogando os braços ao redor da irmã e abraçando-a com força.

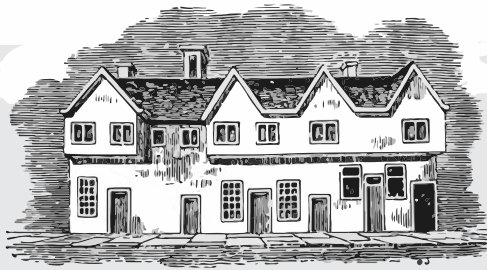
— Eu sabia! Eu sabia que você ia conseguir.

A porta da frente se abriu com um rangido e uma pancada.

Então escutaram passos no hall de entrada que vinham na direção dos dois.

— O velho Mac — sussurrou Eric com os olhos arregalados e assustados.





A MÃO DIREITA DE DEUS: A VERDADEIRA HISTÓRIA SOBRE O ASILO HILLSIDE

Por Julia Tetreault, *Jornal Trechos Obscuros*, 1980

NA DÉCADA DE 1970, o Asilo Hillside era considerado por muitos como uma das melhores instituições psiquiátricas privadas da Nova Inglaterra.

Ocupando uma colina arborizada de vinte hectares acima de uma cidadezinha de Fayeville, em Vermont, o Asilo admitia apenas vinte pacientes de cada vez, em um ambiente que mais parecia uma propriedade rural do que um hospital.

Havia cinco prédios no terreno do Asilo Hillside. O prédio da diretoria era uma estrutura branca de madeira no estilo neogrego, cuja ampla varanda era sustentada por colunas de madeira entalhadas. Os estábulos, que não tinham mais cavalos há cinquenta anos, foram reformados, e agora eram um espaço para os pacientes fazerem artesanato, com direito a um estúdio de cerâmica e um forno para cozinhar a argila. Ao lado dos estábulos ficava o celeiro recém-pintado de vermelho, onde eram guardados os equipamentos de manutenção e de jardinagem, assim como a van que o Asilo utilizava para levar os pacientes em excursões terapêuticas. A cocheira tinha sido transformada em um apartamento, onde vivia o administrador. E, finalmente, havia o prédio no qual ficava o próprio Asilo: uma estrutura rudimentar de dois andares em tijolos amarelos, com

largas janelas fechadas e um telhado cinza de ardósia, inclinado e anguloso. Ao sul do Asilo, um grande jardim permitia que os pacientes trabalhassem do lado de fora, quando o tempo estava bom, ajudando a cultivar uma boa parte dos produtos que eram consumidos na sala de jantar. A equipe acreditava profundamente no poder da cura por meio do ar fresco, da luz do sol e de um bom dia de trabalho.

O Asilo foi construído em 1863 e serviu de hospital para os soldados da Guerra Civil que eram mandados para casa com membros faltando, infecções ou febre tifoide. No começo da década de 1900, funcionou como um sanatório para pacientes com tuberculose, onde os infectados eram tratados com repouso e o ar puro de Vermont. O gramado era uma bela paisagem. O prédio em si estava no Registro Nacional de Lugares Históricos.

Com uma abordagem holística e humanizada, o Asilo ajudava seus pacientes a “*descobrir quem eles realmente eram, curar todas as partes de si mesmos e perceber o verdadeiro potencial humano que tinham*”, por meio de um cuidadoso programa de cura de terapia individual, terapia em grupo, meditação, artesanato, exercícios, música e jardinagem. Os pacientes que trabalhavam no estúdio de cerâmica produziam peças (canecas, tigelas, pratos e vasos) que eram vendidas em galerias de arte e em mercados locais. Cerâmicas com esmalte verde-musgo — a marca registrada do Asilo — e selos de Hillside na base podem ser encontradas em casas por toda a Nova Inglaterra, e são estimadas por colecionadores.

O Asilo tratava quem era rico, mas também acolhia os que não tinham condições de pagar, além daqueles pacientes que eram julgados como “causas perdidas” por outras instituições. Sua abordagem terapêutica, chamada de radical na época, parecia funcionar. A maioria dos pacientes que decidiam ficar no Asilo não apenas melhoravam, mas aprendiam habilidades que os ajudavam a prosperar no mundo real.

Médicos e diretores de outras instituições por todo o país visitavam o Asilo Hillside para ver os resultados com os próprios olhos.

Escreveram artigos sobre a conduta inovadora e os índices de sucesso do Asilo.

Para quem acompanhava de fora, a equipe da instituição era pioneira. Era um lugar milagroso, que dava esperança a pessoas que já haviam desistido há muito tempo.

A mulher por trás desses milagres era a diretora do Asilo, Dra. Helen Hildreth. A médica trabalhou no Asilo por quase trinta anos e foi diretora durante quinze anos. Uma mulher pequena e com idade o suficiente para já ter se aposentado no fim da década de 1970, a médica foi uma verdadeira pioneira no campo da psiquiatria.

“Devemos sempre lembrar”, escreveu ela em um artigo para o *American Journal of Psychiatry*, “que nós não tratamos a doença. Nós tratamos o indivíduo. É nosso dever, como médicos, enxergar além dos sintomas, e visualizar nossos pacientes de maneira integral. Acima de tudo, devemos nos perguntar: ‘Qual é o maior potencial desse indivíduo e como eu posso ajudá-lo, ou ajudá-la, a alcançá-lo?’”

Amosia